



**MULHER E IDENTIDADE NEGRA:** a autoidentificação de mulheres negras a partir Do tipo do seu cabelo

**WOMEN AND BLACK IDENTITY:** a self-indentification of black women from the hair type

**Uly Castro De Azevedo**  
**Universidade Estadual Do Ceará (UECE)**  
**Naianna Silva Duarte Cavalcante**  
**Universidade Estadual Do Ceará (UECE)**

### **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é expor de que forma o cabelo natural da mulher negra pode influenciar sua identidade enquanto pertencente a tal raça. Julga-se a categoria raça/etnia como elementar para toda a discussão, por conta disso, ela tem um papel de destaque na discussão apresentada. Para finalizar, busca-se entrelaçar, de forma parcial, as categorias em estudo.

**Palavras-chave:** Raça/etnia; mulheres negras; estética.

### **ABSTRACT**

The objective of this work is to show how the black woman's natural hair can influence her self-identification while belonging to such a race. The race / ethnicity category is considered as elementary for the whole discussion, because of this, it has a prominent role in the discussion presented. Finally, we try to interweave, in a partial way, the categories under study.

**Key words:** Race / ethnicity; black women; aesthetics.

## **1.INTRODUÇÃO**

O presente estudo tem como objetivo primordial discutir de que forma o cabelo natural das mulheres negras pode influenciar na construção da sua identidade enquanto pertencente a tal raça, e também como símbolo de resistência diante dos padrões estéticos construídos e impostos pela sociedade historicamente. Para a execução da presente pesquisa, realizou-se a pesquisa bibliográfica que “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. ” (GIL, 2007 apud AGNES; LIMA; PAULA,



2007, p.04). Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Para iniciar, compreendemos que a categoria raça e etnia é importante para compreendermos o racismo como “eixo estruturante das relações sociais, sendo um dos componentes estruturais da reprodução do capitalismo” (MADEIRA, 2017, p.22).

As mulheres brasileiras estão tendo seu acesso à cidadania negado e essa situação não é um fato novo, sobretudo as mulheres negras – foco do estudo em questão - e sim decorrente de uma sociedade patriarcal<sup>1</sup>, machista e racista.

Diante do racismo estruturante e das diversas situações de preconceito racial no nosso país – que assume uma particularidade - as mulheres negras se veem condicionadas a seguir padrões que negam a estética negra, por diversos motivos. À frente das opressões vivenciadas historicamente, movimentos de resistência negra como o movimento de mulheres negras brasileiras entram em cena para reivindicar que os direitos dessas mulheres estejam na pauta política do país.

## 2. A CATEGORIA RAÇA/ETNIA COMO ELEMENTAR

Para se compreender a discussão sobre mulheres negras, é necessário a abordagem da categoria raça/etnia. O início da teoria e do conceito de raça começou a ser percebido entre os séculos XV - XVI, na Europa, quando os habitantes desse continente passaram a procurar terras des(conhecidas) pelos mesmos, para o aumento de suas rotas de comércio, dando origem assim as conhecidas Grandes Navegações. Essas terras, contudo, já eram habitadas por outros povos. Ao chegarem na África, por exemplo, se depararam com pessoas de outra cor, de outra etnia, com cultura e costumes diferentes.

Foi partindo dessa ideia de que os europeus tinham “encontrado” novas terras e novos povos que surgiu a teoria do branqueamento, uma “versão fundadora, centralizadora, elitista, exaltadora das glórias da nobreza branca europeia” (IBGE, p.13,2013) em relação às demais etnias.

A origem da palavra raça possui dois significados ainda incertos. Ela pode ter derivado da palavra italiana *razza* que significa linhagem ou da palavra latina *radio*, que quer

<sup>1</sup> No referido estudo, utilizamos o termo patriarcalizado como sendo “ [...] um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres [que] permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais.” Retirado de: < [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465\\_ARQUIVO\\_textoANPUH.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf)> Acesso em: 21 jan. 18

# II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

*“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”*

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



dizer raiz ou tronco. Bezerra (2011, p.77) afirma que “foi a partir do século XVI que na Europa o termo passou a designar características físicas em comum que determinassem a ancestralidade, descendência ou linhagem de ser humanos.”

A categoria raça foi e é um poderoso instrumento capaz de provocar a dominação social no mundo todo. Anteriormente, ela se valia apenas das noções relacionadas a dominantes e dominados, a práticas de superioridade e inferioridade entre raças, contudo nesse momento temos que “interpretar afirmativamente a raça como uma construção social” (GOMES,2012), é necessário que as sociedades e os sujeitos individualmente ressignifiquem essa primordial categoria.

De acordo com Guimarães (2003, p.96)

[...] raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sócias, que trata das identidades sociais. [...] Podemos dizer que as “raças” são efeitos de discursos; [...] O que são raças para a sociologia, portanto? São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências). [...]

Com o passar do tempo e após diversas pesquisas de outros cientistas foi constatado que essa ideia de raça humana não era verídica e que na verdade só existe uma raça humana. Contudo, foi a partir daquela primeira ideia da existência de várias raças, que o racismo cresceu e se reproduziu, entretanto, é importante lembrar que “o racismo preexiste a qualquer tomada de posição científica sobre as raças humanas” (DARLU, 1992 apud IBGE, p.13, 2013).

Percebe-se que, para compreender e analisar a categoria raça é necessário considerar seu contexto e seu momento histórico, uma vez que a sociedade está constantemente se alterando e o que tem um significado “x” hoje, pode ter um significado “y” amanhã. Isso pode ser notado até mesmo em um mesmo momento histórico, mas com realidades distintas, por exemplo, nos Estados Unidos o sentido de raça está ligado à descendência de um indivíduo, ou seja, uma pessoa é considerada negra se sua família possuir pessoas afrodescendentes. Já no Brasil, os negros são considerados negros por conta de suas características físicas, como o cabelo, formato do nariz, a cor da pele e o formato do rosto.

O autor Nogueira (2006) disserta que daí se expressam dois tipos de preconceito racial: o de marca e o de origem. O primeiro, como já foi supracitado é o tipo brasileiro: “quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o

# II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

*“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”*

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



sotaque, diz-se que é de marca” (NOGUEIRA, 2006, p. 292). O segundo, é o caso dos Estados Unidos, denominado pelo autor de preconceito racial de origem: “quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito.” (ibid. p. 292).

A distinção racial está relacionada apenas a um conjunto de diferenças físicas hereditárias relativamente grandes, o que significa que pequenas diferenças físicas não constituem uma raça. Para Bezerra (2011), o termo raça possui aspectos políticos e ideológicos, que podem ser notados já nas leis segregacionistas existentes em países como, EUA e África do Sul. Nesse último, a segregação racial existiu por 44 (quarenta e quatro) anos e só teve seu fim após Nelson Mandela chegar à presidência. “O conceito de raça está relacionado a uma questão político-ideológica que esconde em si uma relação de poder e dominação mais do que a um conceito biológico.” (BEZERRA, 2011, p.83).

Ao falar de raça, é imprescindível discutir também o conceito de etnia, uma vez que as duas apresentam realidades distintas, mas que ao mesmo tempo se completam. Para Viana (2009) o conceito de etnia, assim como o de raça, também é problemático, visto que estão envolvidos com questões políticas e ideológicas. Para ele em uma primeira opção, a etnia estaria ligada diretamente à cultura, às práticas sociais, ou seja, a religião, ao idioma, ao local de nascimento, dentre outros fatores. Já em um segundo conceito a etnia seria utilizada para reivindicar junto a uma organização social determinados interesses e para atingir alguns objetivos. Vale ressaltar que esses são alguns dos conceitos nos quais o termo etnia abrange.

Ao elegermos a raça como categoria central de análise, não abandonamos a etnia como um dos aspectos que nos ajudam a compreender as várias questões que envolvem a população negra, no Brasil, e a construção das suas identidades. O termo “étnico-racial”, ao nos referirmos ao segmento negro da população, abarca tanto a dimensão cultural (linguagem, tradições, religião, ancestralidade), quanto as características fenotípicas socialmente atribuídas aqueles classificados como negros (pretos e pardos, de acordo com as categorias censitárias do IBGE). (GOMES, 2012, p. 742)

Conforme Munanga (2004, p.28) etnia “é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.” A partir da perspectiva desses autores, percebe-se que diferentemente das conceituações de raça que estão atreladas a categorias biológicas e sociológicas, o conceito de etnia está ligado à categoria sociocultural.



Lima (2008) afirma que essa associação entre raça e etnia foge da referência de “raça social”, uma vez que essa última não consegue englobar a realidade negra enquanto produção intelectual e originadora da cultura brasileira, já que apenas se designa para se opor a ideia de raça enquanto categoria biológica, ou seja, “raça social não estabelece, por si só, suficiente autonomia dos conceitos [...] tanto raça biológica como à raça social foram social e culturalmente construídas, apenas sob diferentes argumentos.” (LIMA, 2008, p.38)

A autora reitera assim que, devemos utilizar a expressão raça/etnia por sabermos que o segmento populacional afro-brasileiro é múltiplo e possui diversas identidades negras, além de ser um termo que foge mais ainda da ideia de raça, promulgada no passado.

O fato relatado por ela traz para o debate outros dois conceitos que são indispensáveis para essa discussão: racismo e discriminação racial, uma vez que essas duas categorias são tratadas como sinônimos, sem o serem, na verdade. Para a discussão anterior de raça e etnia é necessário estar à par dessas conceituações. Assim para Schucman (2010, p.43 - 44)

O racismo é mais especificamente entendido como uma construção ideológica, que começa a se esboçar partir do século XVI com a sistematização de ideias e valores construídos pela civilização europeia, quando estes entram em contato com a diversidade humana nos diferentes continentes, e se consolida com as ideias científicas em torno do conceito de raça no século XIX. [...] Considero racismo qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre os seres humanos, baseado na idéia de raça.

Dessa maneira, o racismo é um pré-conceito, uma construção social, política e econômica, que algumas pessoas têm sobre pessoas de pele negra. São opiniões previamente formadas e baseadas em discursos da televisão, em piadas racistas ou até mesmo a partir de um caso isolado, que faz com que as pessoas passem a temer qualquer pessoa que possua pele preta e/ou indígena.

Autores como Guimarães (1999) e Schucman (2010) trazem que o racismo no Brasil se dá de forma velada e sutil, é um racismo de atitudes, baseado no modo de agir de certas pessoas que não se vêem como racistas, mas que agem de forma racista. Esse tipo de racismo está tão intrínseco na história brasileira que essas pessoas não têm consciência de que são racistas (ou pelo menos não assumem isso), mas reproduzem discursos racistas e agem de forma racista.

Discorrido acerca do racismo, partimos agora para o conceito de discriminação racial, que, de acordo com Madeira (2017, p;21): “A discriminação racial e o racismo operam de diferentes maneiras nos diversos níveis da estrutura de classe na formação social capitalista.”



Portando, apesar de confundidos como sinônimos, como já citado anteriormente, os conceitos se diferem. Dessa forma, é necessário compreender a significação de discriminação racial.

Quando ocorre uma ação, uma manifestação, um comportamento de forma a prejudicar, é que se diz que houve discriminação. Enfim, quando o racista ou preconceituoso externaliza a sua atitude, agora transformada em manifestação, ocorre a discriminação. (SANTOS, 2001, p.83)

A discriminação de raça é uma ação agressiva sobre as mulheres negras, uma vez que as mesmas representam o oposto do padrão imposto pela sociedade brasileira, a do homem branco. Padrão esse que é resultante do patriarcado vigente nessa sociedade. Temos como exemplo a empresa Google, que apesar de possuir quase 50 mil funcionários, tem como funcionário padrão, o homem e branco, uma vez que apenas 2% de seus empregados são negros (as) e 30% são mulheres<sup>2</sup>.

Acerca do racismo, Foucault (1992, p. 10, tradução nossa) afirma que “o racismo é a condição de aceitação da matança em uma sociedade em que a norma, a regularidade, a homogeneidade, são as principais funções sociais<sup>3</sup>.” Isso é perceptível ao vermos os resultados do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014 que mostra que os jovens negros têm 2,5 vezes mais chances de ser assassinado do que um jovem branco.

Percebemos assim que, apesar de nesse país o tipo de racismo predominante ser o velado, na verdade ele não é tão sutil assim, uma vez que é legitimado pela polícia e consequentemente, pelo Estado.

Foucault traz ainda que para se compreender o racismo, é necessário conhecer o biopoder que para ele é “[...] um poder contínuo, científico: o de deixar viver. A soberania fazia morrer ou deixava viver. Agora em troca aparece um poder de regulação, que consiste em fazer viver e deixar morrer<sup>4</sup>.” (FOUCAULT, 1992, p.199, tradução nossa)

Assim, o biopoder é o poder do Estado sobre a vida da sociedade, apesar do Estado representar as classes sociais. É por meio desse poder que o Estado torna qualquer ser, em um ser matável, dependendo apenas da escolha das pessoas que estão no comando desse Estado. O Estado utiliza ainda, a polícia como um instrumento de controle que tem nos jovens negros

<sup>2</sup> Dados retirados de: <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,funcionario-padrao-do-google-e-homem-e-branco,10000031239> Acesso em: 31 jan. 18

<sup>3</sup> Original: “el racismo es la condición de aceptabilidad de la matanza en una sociedad en que la norma, la regularidad, la homogeneidad, son las principales funciones sociales.”

<sup>4</sup> Original: “un poder continuo, científico: el de hacer vivir. La soberanía hacía morir o dejaba vivir. Ahora en cambio aparece un poder de regulación, consistente en hacer vivir y dejar morir.”



alvos preferenciais para suas inúmeras violências, que os levam muitas vezes a morte, uma vez que os jovens negros representam 77% dos jovens assassinados em 2012 no Brasil. Notamos ainda que o racismo se manifesta a partir da:

[...] manutenção e reprodução de desigualdades sociais e econômicas, por meio dos mais diferentes mecanismos, entre grupos de pessoas identificadas como de diferentes raças, etnias ou cores constituem racismo desde que operem mecanismos de discriminação que possam ser retrçados à idéia de raça. Tal refinamento torna-se necessário toda vez que as discriminações que atingem um determinado grupo humano, seja ou não uma etnia, não são explicitamente racialistas (usam, por exemplo, a idéia de cor ou de cultura), mas motivadas ou justificadas por critérios a-históricos e a-sociais, tais como a idéia de raça, de modo que possam ser ou retrçados ou reduzidos a esta idéia. [...] (GUIMARÃES, 1999, p.105)

Essa reprodução das desigualdades sociais é muito bem explícita no estudo de Marcelo Paixão (economista e professor da UERJ) que mostra que a taxa de pobreza entre negros é 48,99% mais alta que entre brancos. Questionado em uma entrevista<sup>5</sup> realizada pelo Observatório de Favelas, se a desigualdade social entre brancos e negros era consequência do racismo, o professor respondeu que o racismo não era o único causador, mas “é o elemento que faz parte da estrutura social brasileira dialogando de maneira dinâmica com aquele conjunto de outros vetores que determina a desigualdade.”

### 3. CABELO, ESTÉTICA E RESISTÊNCIA NEGRA

O cabelo é um dos elementos mais valorizados e mais visíveis no corpo, mais especificamente no corpo feminino e tem uma importância simbólica de identidade. Como já foi sinalizado nos tópicos anteriores, a cultura brasileira se constituiu racista e historicamente construiu um padrão de beleza baseado em um estereótipo europeu e branco.

Podemos, por exemplo, citar a publicidade e a moda que sempre recorreram a modelos que se inserem no padrão: mulher branca, alta e magra, e a respeito do tema que nos propomos abordar, o cabelo que se considera padrão - o liso. Inicialmente podem surgir questionamentos do tipo: como o cabelo pode oprimir uma determinada raça e um determinado gênero? Ou como utilizar os cabelos naturais pode fortalecer a resistência de mulheres negras?

O cabelo do negro na sociedade brasileira sempre foi visto como “ruim” e o cabelo do branco como “bom”. Essas determinações levam ao ato de mudar o cabelo como uma forma

<sup>5</sup> Entrevista disponível em: <http://of.org.br/noticias-analises/entrevista-com-marcelo-paixao/> Acesso em: 10 jan. 2016.

# II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



de fugir da condição de inferior, atitude tomada principalmente por mulheres negras. Gomes (2003, p.03) discorre sobre o tema em questão:

No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.

Agora entramos nos primeiros esclarecimentos sobre as questões levantadas anteriormente. Diante dos debates travados até aqui, outro questionamento surge: no nosso país, o que significa ser negro? Ser negro no Brasil, como já desenvolvemos bem no tópico anterior significa ocupar uma condição imposta de marginalidade, tendo em vista nossa construção racista. Se afirmar negro não é algo que nos é ensinado e sim o seu contrário: quanto menos traços negróides e características negras forem encontradas no nosso corpo, mais seremos “aceitos” socialmente, devido ao racismo de “marca” brasileiro.

Em nosso país, o cabelo e a cor da pele são as mais significativas. Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autocalifica nos censos demográficos. (GOMES, 2003, p.8)

Entende-se, portanto, que o cabelo negro não deve ser visto como isolado, mas dentro de um “projeto de nação racista e antinegro no Brasil, que tem oprimido os sujeitos pertencentes às etnias e grupos raciais excluídos (...)” (MADEIRA, 2017, p.22). O cabelo negro é uma linguagem que comunica sobre as relações raciais, informa sobre nossas crenças. Portanto:

Nesse processo, expressar a negritude por meio do corpo e da corporeidade começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e de afirmação da identidade. Essa percepção passa de um movimento interno construído no seio da comunidade negra – não sem conflitos e contradições – para um movimento externo de uma certa valorização da estética e corporeidade negra no plano social – também não sem conflitos. (GOMES, 2011, p.51)

Outra particularidade do racismo brasileiro precisa ser destacada: a face racista da miscigenação brasileira. O mito da democracia racial que se prega no Brasil baseado na miscigenação brasileira. A referida miscigenação que é constantemente romantizada, não sendo raro identificar discursos que afirmam que todos os brasileiros são inevitavelmente “misturados”, a miscigenação tratada como a maior característica do Brasil. Essa falsa

# II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



democracia racial encobre relações raciais que são conflituosas, como reitera a seguinte citação:

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2003, p.8)

Qualquer manifestação de negritude é dissipada em uma sociedade racista. Dada a necessidade de fugir desses conflitos raciais, as mulheres negras recorrem a procedimentos químicos para tornar os cabelos lisos, uma forma de se enquadrar no padrão de beleza imposto, como já destacamos. Porém, o cenário vem mudando nos últimos anos, mais especificamente a partir dos anos 2000, e cada vez mais as mulheres negras estão transitando para o cabelo natural, enxergando-o como belo e rompendo com o padrão estético racista.

Resgatar e difundir a estética negra através dos cabelos faz parte de uma luta política de ideológica que nega qualquer tipo de padrão que oprima e a ancestralidade negra. Podemos perceber um movimento de contestação que reflete em uma maior visibilidade da corporeidade negra, um processo de mudança que embora seja permeado de dificuldades já coleciona grandes avanços. Como disserta Gomes (2011, p.48).

[...]o corpo negro ainda vive situações que exigem a superação da visão exótica e erótica que sobre ele recai, oriunda da violência escravista, alimentada pelo sexismo, pelo machismo e disseminada pelo racismo. Nesse contexto, é possível observar que a partir do ano 2000 há uma politização da estética negra, via afirmação da corporeidade, diferente daquela realizada no final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. O corpo negro e sua corporeidade se destacam na cena pública em meio a um processo tenso e ambíguo. Assistimos a uma maior presença de negros na mídia, porém, ainda acompanhada da denúncia feita pelo movimento negro referente ao persistente lugar de subalternidade. Surgem propagandas e peças publicitárias que adotam o negro como personagem central, porém, ainda com estereótipos. Há uma visualização e maior uso de penteados no estilo “black power estilizado”, do uso de dreads por jovens brancos da classe média, maior adesão ao uso das tranças pelas mulheres negras e brancas jovens e uma maior exposição do corpo negro nos eventos culturais. São processos de mudanças e de visibilidade da corporeidade negra em meio às tensões regulação-emancipação do corpo.

Um ponto importante abordado pela autora supracitada e que não se pode deixar de apontar é sobre o processo de resistência negra, de movimentos sociais que levantam por muito anos questões e resistências que envolvem questões étnico-raciais, como o movimento negro e o movimento de mulheres negras.

Por muitos anos a história da resistência negra foi velada, a história foi contada pela metade. A forma com que os escravos vêm sendo retratados, seja no espaço da escola, ou em

# II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

*“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”*

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



qualquer outro espaço educativo, como sujeitos passivos, que aceitavam todas as injustiças que os foram impostas. Porém a verdadeira história nos mostra que foram diversas as resistências. Podemos citar os quilombos, que, para Madeira (2017, p.26) “representou o confronto direto com o sistema de dominação da escravidão ao propor outra forma de organização econômica, comunitária, cultural.”

Portanto, a maior visibilidade que está sendo atribuída a estética negra faz parte de um processo de luta e resistência, pois, de acordo com Assis (2015, p.5):

[...] a resistência é parte intrínseca da identidade negra feminina, já que as experiências de desfavorecimento social, político, econômico e cultural vem fazendo parte de seu cotidiano desde a travessia transatlântica. Sendo assim, a categoria mulher negra é histórica e a luta contra as desigualdades que as permeiam é secular.

O movimento de mulheres negras emerge no Brasil no momento político de redemocratização do país e até então tem levantado bandeiras em defesa dos direitos sociais das mulheres negras, reivindicações pautadas nas especificidades das mulheres negras:

É sob a perspectiva da socialização de formas mais equânimes de vida e trabalho que o movimento de mulheres negras vem pautando suas reivindicações políticas a partir da compreensão das hierarquias de gênero, raça e classe (ASSIS, 2015, p.6).

A capacidade simbólica do cabelo negro também foi explorada nos anos 60, pelo movimento Black Power que reivindicava o direito de não se enquadrar em padrões, questionando a atitude de mulheres que alteravam seus cabelos em busca dessa adequação. Santos (2015, p.03) nos dá melhores elementos sobre esse o movimento de resistência em questão:

O mesmo foi precursor do questionamento relativo à imposição de alterar a estrutura do cabelo de mulheres negras através do alisamento para adequarem-se aos padrões europeus de beleza que implicam em mulheres com cabelos perfeitamente lisos.

Como já foi mencionado, atualmente percebe-se uma grande onda de mulheres negras retomando os questionamentos que o movimento Black Power nos anos 60 levantou. Não podemos afirmar que esse novo movimento carrega as mesmas propriedades do movimento Black Power, seu conteúdo político, porém, pregam o empoderamento e afirmam a identidade negra. O processo de retomada para o cabelo natural é denominado atualmente de “Transição Capilar” (SANTOS, 2015).



### CONCLUSÃO

O cabelo enquanto simbologia da identidade negra, enquanto uma forma positiva de resgatar a ancestralidade africana das negras brasileiras se torna expressão da valorização da estética negra. O cabelo assume um significado que vai além da simples aparência e assume uma grande importância para as mulheres negras, ultrapassando o campo individual e indo para a dimensão coletiva.

O Brasil, apesar de ser um país composto em sua maioria por pessoas negras e pardas ainda sustenta um padrão de beleza que difere completamente do padrão real das mulheres que aqui habitam. O padrão de cor de pele branco e cabelos lisos é expressão do racismo que se instala no Brasil desde os tempos coloniais e perdura até os dias atuais, sendo estruturante nas relações sociais e raciais.

Dessa forma, movimentos de resistência, como o movimento de mulheres negras lutam pela garantia dos direitos sociais das mulheres negras, dentre eles a valorização da estética negra. O resultado é que, muitas mulheres, como uma forma política, estão deixando de lado a química, antes utilizada para alisar os fios, e deixando o cabelo negro florescer “num processo de libertação das articulações históricas da branquitude” (SANTOS, 2015, p.1).

### REFERÊNCIAS

AGNES, Juliane Sachser; LIMA, Luiz Fernando de; PAULA, Everson Rodrigo de. **A Efetividade do Estágio Supervisionado Curricular: Um Estudo de Caso com o Curso de Secretariado Executivo da UNICENTRO - Guarapuava/Pr.** P.04. Disponível em: <[http://www.fenassec.com.br/pdf/artigos\\_trab\\_cientificos\\_ixsemisec\\_3lugar.pdf](http://www.fenassec.com.br/pdf/artigos_trab_cientificos_ixsemisec_3lugar.pdf)> Acesso em: 25 nov. 2012.

ASSIS, Jussara Francisca de. **Movimento de Mulheres Negras brasileiras como locus de intervenção e pesquisa para o Serviço Social.** In: VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2015.

Disponível em: < <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/movimento-de-mulheres-negras-brasileiras-como-locus-de-intervencao-e-pesquisa-para-o-servico-social.pdf>> Acesso em: 24 jan. 18.

BEZERRA, Débora Andrade Pamplona. **NO CEARÁ TEM NEGROS E NEGRAS, SIM.** *Revista da ABPN.* v. 2, n. 5, p. 75 – 98, jul/out. 2011. Disponível em: < <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/149/128>> Acesso em: 24 mar. 15

FOUCAULT, Michel. **Genealogia del racismo.** Plata, Argentina. Editorial Altamira. 1992. Disponível em: < <https://docs.google.com/file/d/0B-qYUtgasee5WTVUU0ZLVGhHSIE/edit?pli=1>> Acesso em: 10 jan. 16.



GOMES, Nilma Lino. **MOVIMENTO NEGRO E EDUCAÇÃO: RESSIGNIFICANDO E POLITIZANDO A RAÇA**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>> Acesso em: 05 set. 15.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz. Corpo e cabelo símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar com “raça” em sociologia**. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n.1, p.93 – 107, jan/jun.2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Étnico-raciais da População**: Classificações e identidades. Rio de Janeiro. 2013.

LIMA, Maria Batista. **Identidade étnico/racial no Brasil**: uma reflexão teórico-metodológica. In: Rev. Fórum Identidades. Ano 2, v.3. 2008. P.33-46.

MADEIRA, M. Z. A.. Questão racial e opressão: desigualdades raciais e as resistências plurais na sociedade capitalista. **ARGUMENTUM (VITÓRIA)**, v. 9, p. 21-31, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação. n. 5, 2004. Disponível em: < <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%205%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>> Acesso em: 24 mar. 15

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**. 2015. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicações e Artes (Universidade de São Paulo).

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e Antirracismo**: a categoria raça em questão. *Psicologia Política*. Vol 10. Nº 19. PP. 41 – 55. Jan – Jun. 2010.

VIANA, Nildo. Raça e etnia. In:\_\_\_\_\_.; PEREIRA, C. (org.) **Capitalismo e Questão racial**. Ed. Corifeu Ltda.: Rio de Janeiro. 2009. P. 8-21. 2009. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/53007900/CapitalismoeQuestoRacial>> Acesso em: 24 out. 12